

Descrição prosódica de hipersegmentações de palavras: apontamentos sobre a mobilização de estruturas rítmicas

(Prosodic description of hypersegmented written words:
notes on the mobilization of rhythmic structures)

Lilian Maria da Silva¹

¹ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Ibilce-Unesp)

msilva.lilian@gmail.com

Abstract: This paper deals with written words that are hypersegmented (e.g. “na quela”) from the theoretical perspective of constitutive heterogeneity of writing (CORRÊA, 2004). We aim, specifically, to present how the prosodic organization of speech in prosodic constituents (NESPOR; VOGEL, 1986) is important to characterize how the characteristics of spoken utterances can be mobilized in the boundaries of written words record. We will argue that the unconventional boundaries of written words give clues of the influence of oral/spoken practices. The hypersegmentation marks were extracted from texts written by students from 6th to 9th year. These texts belong to “Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II”: Unesp of São José do Rio Preto.

Keywords: word; hypersegmentation; prosodic constituent; rhythm; stress.

Resumo: Analisam-se, neste trabalho, grafias hipersegmentadas de palavras (como “na quela”), sob a perspectiva teórica da heterogeneidade constitutiva da escrita (CORRÊA, 2004). Buscamos, especificamente, apresentar como a organização prosódica da fala em constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986) é importante para caracterizar como características dos enunciados falados podem ser mobilizadas no registro de fronteiras de palavras escritas. Argumentaremos que os registros não convencionais de fronteiras de palavras escritas dão pistas da inserção dos escreventes analisados por práticas orais/faladas. As marcas de hipersegmentação, a partir das quais fundamentamos nossa argumentação, foram retiradas de textos escritos por alunos da segunda etapa do Ensino Fundamental. Esses textos pertencem ao “Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II”: Unesp de São José do Rio Preto.

Palavras-chave: palavra; hipersegmentação; constituintes prosódicos; ritmo; acento.

Introdução

Neste artigo, são analisadas grafias hipersegmentadas de palavras a partir de uma concepção de escrita heterogeneamente constituída (CORRÊA, 2004). Por assumirmos esse pressuposto, entendemos que os fatos linguísticos – falado e escrito – só são significados por meio de práticas sociais – oralidade e letramento – e, portanto, delas não se dissociam. Desse modo, a escrita é vista como um processo constituído no entrecruzamento do oral/falado e do letrado/escrito.

O objetivo deste trabalho é estabelecer relações entre limites de constituintes prosódicos e hipóteses sobre os limites de palavra e, por isso, acreditamos nos aproximar de um dos lugares privilegiados de apreensão da heterogeneidade da escrita: **o eixo de representação da escrita em sua suposta gênese**.¹ Esse eixo refere-se a episódios em que o escrevente

¹ Corrêa (2004) define outros dois eixos principais de observação da heterogeneidade da escrita, mas que, devido aos propósitos deste artigo, não serão explorados. São eles: (i) o eixo da representação do código escrito institucionalizado; e (ii) o eixo da representação do já falado/escrito e ouvido/lido.

acredita ser possível representar graficamente os aspectos do oral/falado na produção escrita. A partir desse eixo, fundamentamos a interpretação das hipersegmentações de palavras, nos momentos em que, durante a escritura de seu texto, o escrevente dá pistas do que *julga ser o modo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004, p. 126).

Diante do quadro teórico sobre escrita, que orienta nossa hipótese de trabalho, cabe-nos definir o objeto de investigação. As hipersegmentações de palavras se caracterizam pelo emprego não convencional, no interior de palavras escritas, de dois recursos gráficos: o **espaço em branco** e o **hífen**, conforme ilustram as palavras, respectivamente, nas figuras 1 e 2, retiradas de textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental II (doravante, EF-II):

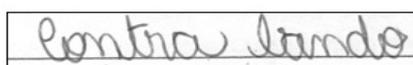


Figura 1: Contrabando

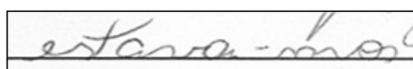


Figura 2: Estávamos

Uma vez que nosso objetivo é de encontrar relação entre as hipersegmentações e os limites que definem constituintes prosódicos, consideramos a adoção de um segundo lugar teórico, que diz respeito à organização prosódica da fala, segundo o modelo de Fonologia Prosódica de Nespore e Vogel (1986) e as considerações de Bisol (1996), a partir dessa mesma proposta, para a organização da prosódia do português brasileiro.

Distanciando-se dos estudos da fonologia gerativa clássica, que propunham uma representação linear dos elementos, Nespore e Vogel (1986) argumentam que a prosódia é organizada hierarquicamente em sete constituintes, de maneira crescente: sílaba (σ), pé métrico (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entonacional (I) e enunciado fonológico (U). Em Bisol (1996, p. 230) podemos ver uma representação arbórea desses constituintes, reapresentada a seguir:

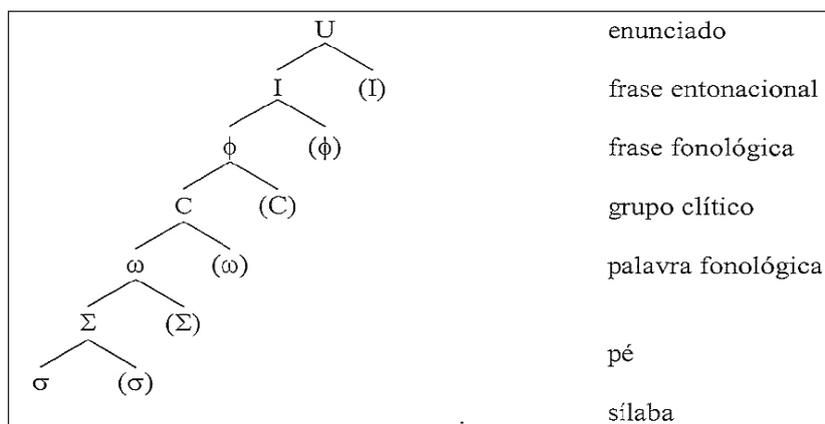


Figura 3: Constituintes prosódicos em representação arbórea

Em razão de as hipersegmentações ocorrerem, sempre, no interior de palavras, trazemos mais informações sobre os constituintes que se formam nos limites dessa uni-

dade; são eles: a sílaba, o pé métrico e a palavra fonológica, uma vez que serão os mais mobilizados na análise dos dados.

A **sílaba**, constituinte basilar da hierarquia prosódica, define-se por conter um elemento cabeça (elemento forte), que, no caso do português, é sempre uma vogal e, em seu entorno, os elementos fracos, que são as consoantes e/ou glides.

O **pé métrico** constitui-se da relação de dominância/dominado entre duas ou mais sílabas, a qual é fundamental para a marcação do ritmo e a identificação dos acentos (primário e rítmico) nas palavras. É importante destacar que, a depender da relação entre as sílabas, o pé métrico recebe uma nomenclatura: pés binários em que a proeminência (o acento) está à esquerda são chamados de *troqueus*, como na palavra “casa”; pés binários de proeminência à direita são denominados *iambos*, como na palavra “café”. Há, ainda, pés ternários, com três sílabas, como em palavras proparoxítonas, são denominados *dátilo*, como na palavra “árvore”.

Por fim, a **palavra fonológica** forma-se a partir da relação entre um ou mais pés métricos e define-se por conter um único acento primário. Um exemplo bastante ilustrativo para caracterizar uma palavra fonológica é a palavra “guarda-roupa”, pois em termos morfossintáticos esse vocábulo constitui-se em uma única unidade, já, fonologicamente, constitui-se de duas, por possuir dois acentos primários: nas sílabas “guar” e “rou”, respectivamente. Assim, o que distingue uma palavra morfossintática de uma palavra fonológica é o fato de que a primeira leva em conta forma e significado como informações para definição e, a segunda, somente acento.

Dessa maneira, como bem salientam Nespor e Vogel (1986), se, por um lado, em alguns casos os constituintes prosódicos podem coincidir com os limites de outros constituintes da gramática, por outro, eles apresentam regras e princípios de definição próprios e, por isso, essa relação não é do tipo isomórfica. Essa não coincidência de limites entre constituintes da gramática podem, por hipótese, motivar – em alguma medida – as grafias que investigamos.

Apontamentos metodológicos

Compõem o corpus deste trabalho 268 produções escritas de 12 escreventes do EF-II (atualmente, sexto a nono anos, correspondentes à quinta a oitava séries). Os textos foram produzidos de modo longitudinal e retirados do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, oriundo do Projeto de Extensão Universitária: “Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, o qual foi coordenado por professoras da Unesp de São José do Rio Preto (SP) e desenvolvido em uma escola da rede estadual de ensino desse mesmo município. Do total de textos, 67 foram escritos no 6º ano; 74, no 7º ano; 62, no 8º ano e 65, no 9º ano.

Estabelecemos como ponto de partida para a classificação das ocorrências a organização da estrutura rítmica da palavra convencional, a qual deu origem à grafia não convencional, buscando identificar: (i) os tipos de estruturas rítmicas mais frequentes das palavras hipersegmentadas; (ii) os tipos de pés métricos mais recorrentes em tais estruturas. Denominamos “estruturas rítmicas” em razão de, em nossa interpretação, as hipersegmentações apontarem para combinações possíveis entre constituintes prosódicos responsáveis por definir o ritmo no interior das palavras: a sílaba e o pé métrico.

Verificamos, com base nessa organização proposta, 8 tipos de estruturas distintas a partir da estrutura da palavra convencional, além de alguns poucos dados que denominamos de “outros casos”. Os tipos de estruturas estão distribuídos de modo não homogêneo entre os anos escolares, ou seja, nem todas as estruturas ocorreram em todos os anos. Porém, para que pudéssemos observar possíveis regularidades quanto ao funcionamento de cada estrutura, definimos em todos os anos o mesmo número para cada tipo específico de estrutura; dessa maneira, o tipo (1) será sempre a mesma estrutura independente do ano escolar, e assim por diante. O conjunto de estruturas consideradas é apresentado no Quadro 1.²

Quadro 1. Tipos de estruturas rítmicas mobilizadas

Tipo	Palavra convencional	Hipersegmentação	Exemplos
(1)	(●*) ω >	(●) σ (*) σ	“então” > “em tão”
(2)	(*●) ω >	(*) σ (●) σ	“desde” > “des de”
(3)	(●*●) ω >	(3.1) (●) σ (*●) Σ (3.2) (●*) Σ (●) σ	“enquanto” > “em quanto” “ganhasse” > “ganha-se”
(4)	(*●●) ω >	(*) σ (●*) Σ	“alugar” > “a lugar”
(5)	(*●●●) ω >	(5.1) (*●) Σ (*●) Σ (5.2) (*●*) Σ (●) σ (5.3) (*) σ (●*●) Σ	“recompensa” > “recom pensa” “conversasse” > “conversa-se” “enfaixado” > “em fachado”
(6)	(*●●*) ω > (●*●*) ω >	(*) σ (●●*) Σ (●) σ (*●*) Σ	“aparecer” > “a perecer”
(7)	(●*●*●) ω > (*●*●*) ω >	(7.1) (●) σ (*●*●) Σ (*) σ (●*●*) Σ (7.2) (*●) Σ (●*●) Σ	“aniversário” > “a liversario” “provavelmente” > “prova velmente”
(8)	(*●●*●●) ω >	(*●) Σ (●*●●) Σ	“antepenúltimo” > “anti penúltimo”
(9)	Outros casos		“adisi o na” > “adicionar”

Os números que caracterizam os tipos de estruturas foram atribuídos segundo o número de sílabas que compõem a palavra convencional: os tipos (1) e (2) consistem em palavras dissílabas; os tipos (3) e (4) dizem respeito às palavras trissílabas; os tipos (5), (6), (7) e (8) correspondem às palavras polissílabas; e, por último, o tipo número (9), que não foi definido a partir do critério de quantidade de sílabas da palavra convencional. Pelo fato de as ocorrências desse tipo não terem seguido, do nosso ponto de vista, nenhuma regularidade semelhante à dos tipos anteriores, nossa abordagem é de analisá-los separadamente.

Por fim, cabe justificar o motivo que nos levou a eleger para análise os escreventes do EF-II. Segundo o que indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), ao encerrarem a etapa inicial do EF (1º a 5º anos/1ª a 4ª séries), os alunos devem ser capazes, dentre outras habilidades, de escrever textos com o *domínio da separação em palavras* (BRASIL, 1997, p. 80, destaque nosso). Assim, na medida em que os escreventes eleitos já deveriam possuir essa habilidade e não a possuem, eles nos dão pistas, por um lado, da complexidade de registro gráfico, de acordo com os critérios ortográficos, das fronteiras de palavras e, por outro, indicam que esse é um processo que não se esgota com o fim da primeira etapa básica de escolarização.

2 Os símbolos representam: *: sílaba tônica; ●: sílaba átona; Σ: pé métrico; ω: palavra prosódica.

Os dados de hipersegmentação: descrição e análise

Após a análise dos 268 textos, chegamos ao número total de 111 (100%) ocorrências que foram distribuídas, ao longo dos quatro anos escolares, da seguinte maneira: 39 (35%) ocorrências no 6º ano; 20 (18%) no 7º ano; 29 (26%) no 8º ano; e, por último, 23 (21%) no 9º ano.

Esses números podem ser conferidos, dispostos nos tipos de estruturas rítmicas (descritas na sessão anterior), por meio da Tabela 1, que segue abaixo.

Tabela 1: Total de ocorrências por estruturas rítmicas, em cada ano escolar

Tipo	Palavra convencional	Hipersegmentação	Nº de ocorrências				TOTAL
			6º	7º	8º	9º	
(1)	(●*) ω >	(●) σ (*) σ	7	8	9	6	20
(2)	(*●) ω >	(*) σ (●) σ	6	2	0	0	8
(3)	(●*●) ω >	(3.1) (●) σ (*●) Σ (3.2) (●*) Σ (●) σ	15 2	5 1	7 2	6 0	33 5
(4)	(*●*) ω >	(*) σ (●*) Σ	1	0	4	1	6
(5)	(*●*●) ω >	(5.1) (*●) Σ (*●) Σ	0	1	1	2	4
		(5.2) (*●*) Σ (●) σ	0	0	0	3	3
		(5.3) (*) σ (●*●) Σ	3	0	0	1	4
(6)	(*●●*) ω > (●*●*) ω >	(*) σ (●●*) Σ	1	0	1	0	2
		(●) σ (*●*) Σ					
(7)	(●*●*●) ω > (*●*●*) ω >	(7.1) (●) σ (*●*●) Σ (*) σ (●●*●) Σ	0	1	1	0	2
		(7.2) (*●) Σ (●*●) Σ	0	0	0	1	1
(8)	(*●●*●●) ω >	(*●) Σ (●*●●) Σ	1	0	0	0	1
(9)	Outros casos		3	2	4	3	9
TOTAL			39	20	29	23	111

A seguir, analisaremos os tipos, separadamente, organizados em grupos, pelo número de sílabas que compõem a estrutura de partida para a hipersegmentação.

Tipos (1) e (2)

As rupturas inesperadas em palavras dissílabas foram 25% (28/111) do total de ocorrências analisadas, segundo percentual mais alto, comparado às palavras trissílabas e polissílabas. Vejamos, primeiramente, um exemplo do tipo (1):

(01) [...] podia fazer só um pedido **em tão** pedi um video game [...] (Z08_5C_12M_03)³

3 A legenda está de acordo com as regras de organização do banco de dados do qual os textos analisados neste trabalho fazem parte. Respectivamente, as informações separadas pelo traço representam: ano letivo da coleta, ano escolar/turma; sujeito/sexo e número da proposta. Embora o EF tenha sido ampliado para nove anos e a antiga quinta série passou a corresponder ao sexto ano, os textos do banco de dados foram coletados quando o EF era composto de apenas oito anos e, portanto, a nomenclatura antiga foi mantida durante toda a sistematização do banco, o que justifica que na legenda apresentada, o sexto ano, esteja simbolizado pelo número cinco (de quinta série). No entanto, aqui, utilizaremos a denominação atual para nos referirmos aos anos escolares.

No exemplo de “**em tão**”, a estrutura inicial, para a hipersegmentação em duas sílabas, é a de uma palavra iâmbica. Nesse caso, localiza-se uma informação prosódica no fato de a alocação inesperada do espaço em branco ter ocorrido em uma fronteira de acento lexical, ponto de maior proeminência prosódica dentro da cadeia fônica. No caso em específico dessa ocorrência, o escrevente parece ter operado, também, com outra motivação, em paralelo à prosódica, ao propor a hipersegmentação dessa palavra: essas sílabas consistem, também, em possíveis palavras escritas convencionalmente e que deixam pistas de informações ortográficas. Graficamente, tem-se duas possibilidades de representação para a coda nasal em português: os grafemas <n> e <m>; no entanto, em palavras isoladas, como é o caso de “em”, a ortografia estabelece apenas o <m> como possível. Esse fato demonstra ter sido apreendido e representado acertadamente pelo escrevente, quando ele, dentro da cadeia fônica, julga ter: (i) identificado algo de sua enunciação oral, possivelmente representável na enunciação escrita e (ii) atentado-se a informações específicas desse modo de enunciação.

Passemos ao exemplo do tipo (2):

(02) [...] minterosa saia **de se** borro agora [...] (Z08_5B_31F_01)

Inversamente ao tipo anterior, o tipo (2) usou a organização de uma palavra trocaica na hipersegmentação. Do ponto de vista analítico, à semelhança do primeiro, a partir de uma perspectiva prosódica, o “gatilho” para romper a palavra no limite proposto parece ter sido a localização do acento, nesse caso específico localizado na sílaba à esquerda da palavra. Mas, ao segmentar “desse” nas possíveis palavras “de” e “se” outro aspecto, ainda, chamou-nos a atenção: as respectivas unidades são fonologicamente não acentuadas, ou seja, são clíticos, os quais, por sua vez, apresentam correspondências às classes gramaticais da preposição e do pronome, frequentemente utilizadas como recursos de conexão e relação de sentidos entre termos e referência a quem e/ou sobre o que se está referindo na produção escrita.⁴

Tipos (3) e (4)

Os tipos (3) e (4), referentes às palavras trissílabas, foram 40% (44/111) do total de ocorrências, perfazendo o maior de todos os percentuais. De modo geral, as hipersegmentações nas palavras trissílabas apresentaram as seguintes combinações entre constituintes prosódicos: (i) sílaba + pé; (ii) pé + sílaba.

De acordo com os princípios reguladores da hierarquia prosódica (cf. NESPOR; VOGEL, 1886, p. 7), o pé métrico é uma construção n-ária, assim como todos os outros constituintes. Com base nesse princípio, palavras trissílabas consistiriam em um só pé e, portanto, uma hipersegmentação como a apresentada em (03), abaixo, apresentaria a seguinte representação: ([a]Σ [migo]Σ)ω; nesse caso, “a” seria parte de um único pé maior e não uma sílaba. No entanto, acreditamos que, ao hipersegmentar a palavra “amigo”, o escrevente tenha operado com a formação de formas rítmicas preferenciais do português. Nossa hipótese encontra respaldo em Bisol (1996), a respeito da organização do acento no interior das palavras no português brasileiro: “[...] [essa] é uma língua que constrói pés binários de cabeça à esquerda, a partir da borda direita da palavra”, considerando para isso, como bem salienta a autora, “[...] os casos de peso inerente da sílaba final” (BISOL, 1996, p. 232).

4 Tenani e Paranhos (2011) apresentam uma análise detalhada sobre essa dificuldade em grafar elementos gramaticais como preposições, pronomes, conjunções, em textos de escreventes do sexto ano do EF.

Considerando, assim, o estudo de Bisol (1996), a hipersegmentação “a migo” é um indício gráfico de tentativa de preservação de estruturas trocaicas, ou seja, de formações lexicais com acento à esquerda. Não podemos deixar de apontar, ainda, o fato de “a”, hipersegmentada, corresponder a uma palavra gráfica monossilábica do português, o que corrobora para nossa hipótese de o escrevente ter tomado a palavra fonológica “amigo” como uma sequência de sílaba + pé troqueu e não como um pé métrico só.

(03) [...] e os meu **a migo** pergunto oque você esta comendo [...] (Z10_7C_23M_03)

Vejamos, agora, um exemplo do tipo (3.2):

(04) [...]um hotel lindo fechado só para gente, que nós servisem como agente **quise-se**. (Z08_5A_04F_03)

Todas as ocorrências desse subtipo caracterizaram-se pela alocação não convencional a partir do hífen (TENANI, 2011). Embora a ruptura por meio desse recurso gráfico indique, também, a fronteira de acento da palavra, outra informação, a nosso ver, parece sobrepor-se a isso: uma relação sintática entre verbo e pronome. Sequências enclíticas entre esses elementos são bastante privilegiadas pela forma de escrita culta, a qual o escrevente imagina ser, também, a esperada pela instituição escolar.

A hipersegmentação, nesse caso, portanto, parece ser fruto de uma relação simultânea entre as dimensões prosódica e sintática da linguagem, pois o escrevente ao inserir limites gráficos no ponto de maior saliência sonora da palavra, a partir do hífen e não do espaço em branco, acredita estar alçando uma estrutura típica de um tipo de escrita tida por ideal.

Por fim, analisaremos o tipo (4) exemplificado em (05). O acento principal dessa estrutura recai sobre a última sílaba da palavra, fazendo com que a palavra passe a apresentar duas sílabas pretônicas, fato que leva, pela regra de distribuição do acento rítmico, a primeira sílaba da palavra ser, oralmente, pronunciada de modo acentuado. Assim, quanto à hipersegmentação “**a cender**”, duas hipóteses explicativas podem ser levantadas considerando a configuração rítmica da palavra convencional: (i) o escrevente pode ter atribuído o estatuto de artigo à vogal “a” e o estatuto de pseudopalavra a “cender” (cf. CUNHA, 2004), em razão de ser portadora de acento e, desse modo, configurar-se como uma palavra fonológica; e/ou (ii) ter levado em conta a proeminência rítmica de “a”, na medida em que essa sílaba pode carregar acento rítmico, e, assim, entender essa unidade, de um ponto de vista prosódico como uma palavra fonológica independente.

(05) [...] mas cuidado ao **a cender** um cigarro, olhe antes para ver se nenhuma pessoa esta perto. (Z11_8B_05F_06)

Tipos (5), (6), (7) e (8)

As hipersegmentações em palavras polissílabas, dada a complexa organização rítmica, foram as que mais apresentaram diferentes tipos de estruturas não-convencionais. Mesmo assim, essas palavras apresentaram o menor percentual geral, apenas 16% (18/111), e poucas ocorrências entre os anos escolares. No que diz respeito à análise desses tipos, observamos motivações semelhantes a todas já observadas nos outros tipos dos dissílabos e trissílabos. Os dados apresentados abaixo são exemplos dessas motivações comuns: em (06) – subtipo (5.2) – a sequência verbo+pronome separada pelo hífen; em (07) – subtipo

(8.1) – oscilação entre atribuição do estatuto de palavra, a partir dos acentos da oralidade, isto é, percepção de uma unidade acentuada, configurada como uma palavra, e de uma unidade que, possivelmente, corresponde graficamente a elementos gramaticais.

(06) A escola poderiam conversar com as crianças, promove palestras sobre o assunto, para tentar acalmar elas, ajudaria bastante se os pais também **conversa-se**. (Z11_8B_15F_03)

(07) [...] a nona da casa falou que ela tinha **a paresido** no ano novo [...] (Z09_6B_04M_04)

Observamos, também, em outros tipos, como no subtipo (5.1), exemplificado em (08), a combinação prosódica de dois pés métricos. Em “**loca mente**”, em particular, a organização de dois troqueus. Parece haver, aqui, duas palavras estabelecidas com esse estatuto em razão de possuírem dois acentos e, portanto, duas palavras fonológicas, ao mesmo tempo, possíveis correspondências gráficas com as palavras escritas “louca” e “mente”.

(08) Se eu fosse jovem para sempre a primeira coisa que eu ia fazer é namorar muito bastante viver **loca mente** [...] (Z10_7A_31M_01)

O nosso propósito, até aqui, foi o de apresentar algumas ocorrências, que acreditamos mostrar um comportamento mais geral (possíveis regularidades) quanto às estruturas rítmicas que mobilizam o aparecimento das hipersegmentações. Na próxima subseção, no entanto, analisaremos outros dados que não se encaixaram em nenhuma das estruturas levantadas e foram interpretados, assim, como dados particulares, mas que, como veremos, estabeleceram com as ocorrências mais regulares, a manifestação de motivações linguísticas em comum.

Outros casos

Escolhemos, para representar esse tipo de dados, a ocorrência “**come cheia**” (comecei a), retirada do texto apresentado na Figura 4.

Eu sempre sei que eu queria ser jogador de futebol eu quando eu tinha 6 anos eu não ligava para futebol os meus amigos me chamavam para jogar bola na rua eu falava não.

Eu e meu colega começamos a jogar no muro quando tinha de muito casa 1 quitação come cheia jogava eu eu não de jogar lá com 12 anos o meu amigo que jogava lá ele não tinha nenhuma ideia que eu sei na rua de ~~come cheia~~

Tava na frente da casa dele eu perguntei onde ele jogava ele falou no galão era na rua santa-flora ele me chamava para ir lá jogar no galão ali ali e ali de lá e comecei a jogar lá já tinha começado a fazer um gol eu gostei de lá fiquei jogando lá 10 anos jogando.

Eu não foi o filho do Santa F.C ele me chamavam para jogar um teste eu não eu comecei a jogar sub 16 na rua santa-flora tinha um par de galão porque eu ia jogar lá Santa nunca mais foi com mais para a ligas um apartamento na rua santa-flora eu tinha lá jogar ~~come~~ ele o primeiro jogo que eu ia jogar com sub 16 eu preferia jogar lá eu jogava lá fazia muito gol um dia o professor do galão junior o técnico do Santa F.C ele o do time profissional.

Figura 4: (Z10_7B_05M_02)

Essa ocorrência diferencia-se pelo fato de ser um dado de **mescla**, ou seja, envolveu híper e hipossegmentação em uma mesma sequência.⁵ Ao ampliarmos nosso olhar para a própria distribuição gráfica dos espaços em branco, ao longo do texto, encontramos pistas que nos levaram a classificá-la dessa maneira; é o caso de outras duas grafias da sequência “comecei a”: “comecei a”, “comecei a”, escritas de modo convencional, quanto ao espaço em branco.

Mesmo tratando-se de uma ocorrência particularizada, em relação às demais analisadas, podemos depreender que “come cheia” encontra motivação linguística semelhante às que já apontamos. Ao segmentar de modo não convencional a sequência “comecei a”, o escrevente propõe a grafia de duas novas palavras da língua: “come” e “cheia”, mesmo sendo, essa última, diferente do que se poderia esperar de uma hipossegmentação regular da palavra “comecei”, uma vez que o esperado seria que o escrevente atribuísse autonomia à última sílaba da palavra, correlacionando-a à palavra escrita “sei” e não à palavra “cheia”, como ocorre. Apesar disso, em termos prosódicos, essas sequências são palavras fonológicas, pois possuem dois acentos primários.

Os estudos sobre segmentações não convencionais de palavras têm apontado que as juncturas que ocorrem entre o elemento clítico⁶ e a palavra prosódica são, tendencialmente, realizadas à direita; isto é, os clíticos são hipossegmentados, preferencialmente, à palavra fonológica que o seguem. Segundo Nespor e Vogel (1986) a direção do clítico, em relação ao hospedeiro, tem forte motivação fonológica e não apenas sintática, como havia sido

5 A hipossegmentação, ao contrário da hiperssegmentação, consiste na **ausência** não convencional do espaço em branco (“amenina”) ou hífen (“chamalo”).

6 No âmbito da prosódia, os elementos clíticos, por serem átonos, não constituem estatuto de palavra e para adquirirem sonoridade, dentro da cadeia fônica, ligam-se a palavras fonológicas ao seu redor.

apontado por estudo anterior ao delas (cf. HAYES [s.d.] apud NESPOR; VOGEL, 1986, p. 150). O argumento das autoras é fundamentado na regra fonológica de Reajuste de Acento na língua grega: ao ser inserido um clítico, ao final da palavra, um novo acento é criado na sílaba que imediatamente antecede esse elemento; para Nespor e Vogel isso é prova de que a posição do clítico não é determinada somente pela sintaxe, pois “o clítico pode ligar-se sintaticamente em uma direção e fonologicamente na direção oposta” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 154, tradução nossa). Seguindo essa assunção, por exemplo, na sequência que estamos analisando (“comecei a jogar”), o clítico estaria ligado sintaticamente ao verbo “comecei”, mas fonologicamente à palavra seguinte, no caso o verbo “jogar”.

Portanto, a mescla “**come cheia**” foge a essa tendência, logo que o clítico está unido à palavra à esquerda. A partir de alguns indícios da organização do texto, levantamos as seguintes hipóteses para essa ocorrência: **(i)** a flutuação entre <ch> e <c> para grafar o som [s]. Na classificação das consoantes, quanto ao grau de vozeamento, ponto e modo de articulação, [ʃ] – <ch> e [s] – <c> diferenciam-se, apenas, pelo ponto de articulação (alveolar e alveopalatal, respectivamente). Essa pequena distinção mostra que, embora <ch> não seja utilizado pela convenção ortográfica para representar o som [s], eles apresentam relação fonética, que, em alguma medida, foi percebida pelo escrevente. Assim, ao grafar com <ch> o som [s], por razões fonéticas, o escrevente reconhece que a sequência que se forma “chei” não tem nenhuma correspondência gráfica, mas que ao ser acrescido da letra “a”, forma uma palavra de escrita convencional: “cheia”; **(ii)** a segunda hipótese a ser levantada (que não descarta a primeira) diz respeito à sequência seguinte após a ocorrência de mescla; a referida sequência consiste, também, de uma segmentação não convencional, mais especificamente, uma hipossegmentação: “jogala”. Na leitura no texto depreendemos que essa ocorrência apresenta o sentido de “jogar lá”, formada de duas palavras fonológicas. Contudo, a maneira como o escrevente registra essa sequência, deixa pistas de que a palavra “lá” tenha sido interpretada como o possível clítico “la”, muito frequente em finais de verbos. Uma vez que o elemento “la” formava com o verbo “jogar” uma única palavra, para o escrevente, o elemento, também átono, que antecedia a palavra, ou seja, a partícula “a”, não faria parte dela.

Assim, ao flutuar entre o convencional e o não-convencional, para representar graficamente uma mesma sequência, acreditamos ver revelado que o processo de escritura de um texto é sempre alvo de hipóteses distintas acerca da formalização dos limites de palavra e, dessa maneira, “[...] não é de se estranhar, [...] que possam ser encontradas soluções escritas diferentes para um mesmo problema de segmentação em um mesmo texto” (ABAURRE, 1991, p. 205). No caso específico da flutuação analisada (“come cheia”/“comecei a”/“comesei a”), as soluções escritas remeteram, ao mesmo tempo, à percepção prosódica de uma palavra e ao que indica a convenção ortográfica sobre o modo como devem ser separadas as palavras na escrita.

Considerações finais

Por meio da análise apresentada, foi possível observar como a utilização de recursos gráficos, com o intuito de segmentar o enunciado em palavras, é, ainda, um desafio para os escreventes do EF-II. Reconhecer os limites de palavra implica lidar com a complexidade da própria definição de palavra, que, de nossa perspectiva, não se restringe, exclusivamente, ao universo de representação gráfico, mas perpassa todas as dimensões da língua. Assim,

para “acertar” onde começa e termina uma palavra escrita, o escrevente deve estar atento, simultaneamente, a mais de um critério linguístico.

De modo geral, os dados de hipersegmentação mostraram que os escreventes, ao proporem as fronteiras de palavras não-convencionais, operaram fortemente com um critério prosódico, indiciando a imagem do que seja uma palavra em termos fonológicos. Isso ficou-nos mais evidente em razão de os limites não esperados terem ocorrido, em grande medida, nos pontos de maior proeminência prosódica, em que se localizam os acentos rítmicos e lexicais das palavras, definindo novas palavras fonológicas. Nas grafias dessas palavras, foram relevantes os constituintes prosódicos sílaba e pé métrico (sobretudo, iambo e troqueu) e as diferentes combinações entre eles.

Além disso, outros critérios linguísticos pareceram estar em jogo, ao mesmo tempo, em outras ocorrências nas decisões de segmentação, como a atribuição de estatuto gramatical a determinados clíticos fonológicos e a relação sintática entre verbo e pronome. Portanto, as hipóteses dos escreventes acerca da definição de um critério de colocação do espaço em branco e hífen demonstram não serem categóricas, mas, por vezes, conflitantes e excludentes (ABAURRE, 1988), pois como observa Corrêa, “[...] a enunciação pela escrita impõe ao escrevente várias limitações simultâneas [...] limitações que podem ser descritas como um jogo de aceitação e recusa ou, uma vez mais, como pontos de emergência de sua divisão enunciativa” (2004, p. 12).

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1988. p. 135-142.

_____. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

BISOL, Leda. Constituintes prosódicos. In: _____. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, Ana Paula Nobre. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

TENANI, Luciani. Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: TFOUNI, L. *Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

TENANI, Luciani; PARANHOS, Fabiana Cristina. Análise prosódica de segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do Ensino Fundamental. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13, n. 2, 477-504, 2011.